

# A RAZÃO

Director e Editor: DR. DAVID DE OLIVEIRA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 50 do 3.º Ano

Redacção e Administração — Rua de Francisco Azevedo, 8

Guimarães, 27 de Junho de 1926

Composto e impresso na Tip. de A. Trindade, F. A. P. H.

## Delivrance

Com o seu número 50, o semanário religioso, político, literário, noticioso independente "A Razão", resurgiu para flagelo dos de Fafe, Guimarães e respectivos antipodas.

Religioso, este virtuosissimo pasquim apresenta-se de novo aspecto, esquecendo a defecção de Deus que sempre o tornava tibecando, embora se reconheça o dedo genial do Maluco d'Arrozela a pintar aquela literatura desopilante; politico, este annunciador cartaz indica bem os integros principios que fizerao administrador um tal Marinho, principios que impoem o respeito, pelo receber de 3 bofetadas, adentro do seu proprio gabinete; noticioso, o puritanissimo folheto dá á luz noticias sensacionais e escandalosas, certamente ditadas por um salvado espirito de procurador encartado, á sombra de qualquer contada; independente, a lamparina é bem a flél companheira dum mentecapto, dum imbecil que publicamente é resultado por qualquer Rabolvira e dum tarado que, por todos os meios procura ser o remedio para limpar Fafe e Guimarães dos «escrocs» que lhe empatam tempo e se opoem á roualharia que é, ladrão, tenta fazer no dinheiro dos pobres!

Cantai, Silvas, Felke e Coutos, cantai... Porque vos deveis regosijar com o aparecimento da cloaca donde caístas e porque só assim abafais, por momentos, as vossas falatrúas, os vossos poucos escrúpulos, as vossas hipocrisias, as vossas imbecilidades e o vosso grande crime.

Cantai, irmandadeiras, cantai... O Maluco d'Arrozela corre a salvar-vos e pelas vossas informações mentrosas, prete e n de achincalhar quem tem as mãos limpas e que se negou até a bater-vos com elas na vossa cara estendida ou na vossa fronte aureolada pelo diadema... que caracteriza os cornigeros.

Nunca empufcaíeis ninguém, porque «gotadinhos!» nem merecéis o epíteto de ser humano, nem a presunção de ladrão.

Sois granitos que se rebolam em beneficio das calçadas, como o vosso chefe é o reptil nojento que não trabaça e só manduca o osso que vos atirou.

Cantai, estardalhos, cantai... E que oxala o vosso zurrar não vos proporcione o recibo de terdes de andar a fugir por todas as esquinas e vielas.

A mãe e pai, os noosos protestos de salsitação, e o desejo de longa vida para a recém-nascida.

## Snr. Sub-Delegado de Saude

Na rua do Gravador, Molarrinho, em uma casa que faz esquina para o Largo 13 de Fevereiro, mesmo em frente da Assemblia Vimaranesa, existe uma cocheira sem condicões para tal. Quem por lá passar, se obrigado a fugir, sentelante chisro ali se concentra e tal a malina que para naquela rua. Qualquer medida de saneamento urge tomar.

## A ULTIMA CARTADA

O tenente sr. Pinto Correia disse alguma coisa que a Republica jogava a sua ultima cartada. Estamos a ver sua excelencia com o ar enfatico dos heróis e a pose dos profetas proferir aquelas suas atrevidas palavras a que as circunstancias emprestam, não há duvida, certos visos de verdade.

De certo, o lustre official estava, no dilata-las, a par de toda que se urdia em volta do nome e da accão de Mendes Cabeçadas com certeza sabida dos esforços que se empregavam para o alisar, como devia saber do trabalho de sapo a que se davam os que á viva força querem ver no governo o general Sinel de Cordes, em cujo republicanismo ninguém confia, e Filomeno da Camara, cujas ambições politicas são de todos bem conhecidas.

A par de tudo isto, e ainda da decisiva influencia e preponderancia que nos arrastais revolucionários vós ganhais, os republicanos que até aqui ninguém conhecia, não admira que este official de xasse escapar a frase em questão, convencido de que ela traduz uma ideia muito logica e muito justa.

Contudo, seja nos licito duvidar da sua abalçada opinião, da sua profecia, quer ela queira dizer que da accão do exarcta depende a salvacão da Republica, quer ela tenha outro qualquer sentido. E já logar comum dizer-se que as ideias se não arrancam como se arrancam dentes, e que as ideias se não extirpam do animo dos homens com a mesma facilidade com que de facinho de cão se desarteigam as pegadivas cartacas.

Essendo assim e sabendo-se que a Republica, na significacão propria e alevantada do termo, é já hoje um ideal com fanáticos raizes entre nós, de crer e tambem que a não vejamos nas transes aflitivos em que sua excelencia a quer ver, por mais progressos que faça a nossa tão afamada cirurgia revolucionária, por mais que façam os que a sobra das suas convulsões a tentem empulgar e aniquillar, para isso se servindo das vulgares máximas do camaleão ou dos vis artificios do sa'teador. Não.

Em nome da Republica se fez o movimento, o que nos leva a crer que, embora agora neguem as horas da vitória a republicanos honrosos que para ela muito contribuirão, embora assistamos á escalada grotesca dos cassapos, que por todos os meios teimam em desvirtuar os intentos, a finalidade da revolução, a ultima cartada não a joga a Republica, que daqui sairá dignificada e mais uma vez victoriosa, mas os maus politicos, contra os quaes o país se manifestou e os falsos revolucionários, os falsos mestres, os pesadores de águas turvas, que exploram as misérias nacionais e delas fazem dograo para toda a casta de ambições.

A ultima cartada... E' cedo para vermos quem a está jogando.

## AS ANDORINHAS

De terras de longe chegam aos milhares essas precursoras das manhãs d'April, para construírem fustinhas, dos páes, nos beirais das castas seu ninho gentil.

De terras de longe vem sulcando os mares, procurando amores e caricias, mi nesta linda, voando nos arés quando a primavera unge o céu d'ani.

Em voos constantes precorrem os fios, e depois, cansadas, vem pousar nos fios por alguns momentos para descansar.

Mas chegando o inverno essas namoradas dos campos, das flores, fogem apressadas em bandos ligeiros p'ras bandas do mar!

Fafe,

João Pinto Bastos.

## O 1.º Cassapo

Nem mais, nem menos, O Eco, que no pedir não é poltro, quer muito simplesmente, muito reamunadamente, que os revolucionários entreguem a Patria a ouros... porque E' verdade E' qual ora o leitor, Ora, essa! A politica monarchica, O general estruma a cana, os casos de máns pândicos, isto é, dos republicanos, no fim vai ao telejone e diz ao logarmente da causa:

Três-me dá o da Figueira, o profeta. Alisado liquidado, o general... quem sabe? — outra vez, a inata e nos os republicanos, correfimos a colonizar Timor, Poia, e claro e duma simplicidade succubra! Posto fóra o Cabeçadas, um mau elemento, entendido de 1822, ca monarchicos, so reaturore e jurto e patriotismo e um e outro meadom, e com eles a logica, que se entregue isto a outra politica, a politica do desenvolvimento e progresso.

## Ministério

Está constituído o ministério. Políticos, com o facto e fazemos notas para que da sua accão resultem as reformas necessarias ao bom funcionamento dos negocios do Estado. Urge trabalhar, para que, assumida, como já se diz, que isto é o passo de carangujão e para se pôr cobro a incontinencias de certas linguas que, de compridas, não cabem na boca de seus donos. Queo Governo demonstre por factos que so o florista o bem e a dignificacão da Republica, a vez de vez entramos em tranquillidade precisa, a fim de estabelecermos da contian a paz, uniao e se se acaba com a intriga e a confusão que a todos desorientou e deprimiu.

## Character

Fei, porquê, conector, malalica... vez esta á prope, miracido alguns... movimento revolucionario. Maluana... ver, a tipica moral e estado ou no... jeta, perfida nos visos obscuro... ladas onde a politica levanta... miras e estagnos... Aquei, quei, mta forca de... pils, quei, nos vems dno militan... tos, ludo, dos cadentes de brach... lousa, p'ra, l'opo, m'andant... Capis, d'epila, Mat, como, mo... no, Senta, total, os, xampis, d... interiga, do, character, e, de, firmiza... de, convicção, não, raramo, m'andant... piravengos, certo, de, que, lequi, e, m'and... casos, se, derm'at, r'ara, m'ozera, un... tudo, surgido, de, m'ozes, m'ozes, m'oz... principio, tomam, m'ozes, m'ozes, m'oz... F'rtis, do, Am'oz, m'ozes, m'ozes, m'oz... tano, de, Sousa, e, outros, poucos, m'oz... nome, nos, não, occur.

Para estes pontos da democracia as possessões são as melhores.

Lede e propagai

"A RAZÃO"

# O Furtado Espólio das Doroteias e o mais que á sua volta se passa!

111

Estando a reconstituir os factos que precedem a acção da Policia Judicial de Braga—aqueles que são de meu conhecimento—recordarei que af por 1912-915 (?) foram entregues no Asilo de Santa Estefania algumas carteiras e bancos escolares, certamente a titulo precario.

Quem assinou esta outorização?

Não sei. O que é certo é que este material escolar está ao serviço do referido Asilo; restando agora que a Direcção o requisite ao Ministério da Instrução, por intermédio da Inspeccção Escolar, visto que, por virtude da lei que há pouco ali collocou uma professora official, é quem superintende no exercicio desta escola.

Atraz deste caso, dos móveis escolares que foram para o Asilo de Santa Estefania, entrou de correr nas vozes avulsas do povo—que outros móveis e vario material de construção, abusivamente estavam desaparecendo. Dentre esses móveis mereciam referencia especial uns pianos. Ainda assim ali haviam ficado alguns—pianos *cangalheiros* que em 1918 (?) serviram para os célebres *salsifres* dos presos monárquicos no edificio das Doroteias detidos.

Quanto aos outros, quizera a má lingua indigena ver um piano em casa de cada cidadão republicano—batendo o record do escandalo dois velhos pianos que haviam sido adquiridos legitimamente, em hasta publica, pelo sr. José Pinto Teixeira de Abreu, não do espólio das Doroteias, mas sim do extinto colégio dos jesuitas, em Santa Luzia.

Entretanto o material de construção—azulejos, canos de grê, tubos de zinco, retretes de otocelismo, mosaico, etc.—ia desaparecendo.

—Para onde?...

—Por ordem de quem?...

Estamos, neste capitulo da narrativa que sigo, em novembro de 1920—data em que me vi no desempenho do cargo de Administrador do concelho. Observando então de perto a *débacle*, a desordem do que restava do espólio das Doroteias; colhida a certeza de que sobre o caso *lavava as mãos* o então Delegado do Procurador da Republica, tomei o bom ou mau expediente de procurar salvar do naufragio alguma coisa que, utilizando a *estabelecimentos publicos de ensino*, simultaneamente beneficiasse aos próprios móveis.

Podia e devia fazê-lo?

Deixo isso aos legalistas. Por mim contento-me em saber que pratiquei um acto de administração—irregular, se quizerem, não o contesto; mas mil vezes preferivel ao *lavar das mãos* do sr. dr. Delegado da época que preferiu collocar-se, como outros seus antecessores, na situação mais irregular ainda de não querer saber de defender o espólio jurisdicionalmente entregue á sua administração.

Reza o decreto de 6 de Abril de 1911:

«Considerando que é da maior necessidade para os superiores interesses do Estado e para salvaguarda dos interesses daquelles que vivem a mostrar-se legítimos donos dos

bens occupados pelas extintas congregações religiosas, velar pela conservação desses bens, administrá-los e dar-lhes, ainda que provisoriamente, o destino mais compativel com a sua natureza e as necessidades e da sua administração.»

Ora, cumprindo á Autoridade Administrativa, mais do que providenciar sobre matéria de furtos, promover, dentro das normas legais, que eles se não pratiquem; e, estando esses móveis, na *aparência*, sob a sua guarda, pela circunstancia de a Administração do Concelho estar instalada no próprio edificio das Doroteias, junto do mesmo espólio,—tais foram os motivos determinantes porque, dentro do espirito administrativo do decreto de 1911, usei fazer-me *feitor* do Estado, sem haver recebido procuração do mesmo.

Em 1920 fiz pois entrega ás Escolas Primárias Gerais e Primária Superior cobrando o competente recibo de entrega, móveis que estes *estabelecimentos publicos* beneficiaram e guardaram até que lhe foram requisitados. Havendo porém sido pedida a sua cedencia—aqueles que se encontram na E. P. G.—foi no dia 15 deste mês recebida a seguinte comunicação, dimanada do Ministério da Instrução:

«...tendo a Direcção Geral solicitado ao M. da Justiça a conservação dos móveis do extinto colégio das Doroteias nos lugares em que estão sendo applicados, a Com. Jurisdiccional dos Bens das Extintas Congregações Religiosas permitiu essa conservação, até que os referidos móveis sejam avaliados e pagos pelo preço que lhes for attribuido.»

Quer dizer: Ficam pertencendo os móveis que foram por mim entregues ás Escolas, em 1920, desde que o M. da Instrução os pagou ao M. da Justiça, visto que são orçamentos privados e se destina o rendimento destes bens incorporados no Estado ás tutorias da Infancia.

Simplees fórmulas burocráticas a cumprir.

O que não é a mesma coisa com os móveis entregues a particulares, como vários Administradores do Concelho, antes e depois do meu procedimento, praticaram ou deixaram praticar, num patente e manifesto abuso de atribuições, visto que a propriedade particular não é a mesma coisa que a propriedade do Estado.

Resta agora apurar quanto ao desvio dos materiais de construção, visto que este caso se divide, como se tem lido, em tres partes—tres especies de delinquentes:

- a) Excesso de zelo, que foi o meu procedimento;
- b) Abuso de atribuições, que é o procedimento de outros Administradores;
- c) Crime de roubo, que é o delicto do funcionario municipal a contas com o tribunal.

A. L. de Carvalho.

## Ten.º Gervásio Campos

Já se apresentou no nosso regimento este nosso querido colaborador e que, durante 8 meses, esteve á frequentar a Escola de Mafra.

# O TALASSA

E' vê-lo agora a embarcar em arco e a fazer rapapés ao exercito, com letra grande, e aos heroís da revolução. Se não fôsse aquela coisa, aquilo de a revolução se dizer meramente republicana, então é que havia de ser... Era o preto no branco sópa no mel, um bródio de arromba com foguetes de três estalos, missa cantada e traulitada bravia! Mas, não. Embora se não compreenda tal atitude, os revolucionários teimam na sua de dizer que o movimento é republicano, de moralização e dignificação da Republica, dessa coisa, dessa tolerada, dessa *safada* (o grifado é dele)! Todavia, como se trata de moralizar e de salvar a Patria, ele que é patriota, não faltará com o seu concurso e, assim, apoiará e auxiliará os que trabalham em nome desta coisa, desta tolerada, desta *safada*.

Coerente com os seus principios—e que principios!...—atira-os para o cesto dos papeis velhos e lá vai ele, o moralista, para as fileiras republicanas a gritar aos democratas: Olé, ó amigo! Eu na minha qualidade de talassa do tempo do Espregueira e dos adeantamentos venho salvar-vos e á Republica. Deixem-me agir e verão como isto entra nos e xos. Se for preciso, eu...

Aqui calou-se o moralista. Contudo, houve ainda quem lhe visse nos labios a palavra *adiro*. Deve ser engano. Tão longe não iria o seu desplante.

Que ele já se tem visto coisas piores. O que é certo é que não chegou a proferir tal palavra, o que não quer dizer que não estivesse a pontos de o fazer. Sim—O entusiasmo dos primeiros momentos, a *cega obediencia* aos principios... Ora, vamos. E depois, ainda que lhe chamassem *vira-casacas*, que tinha lá isso? Já não era a primeira vez.

Quem reparar na atitude da imprensa monarchica deve notar que ela se não afasta agora do trilho seguido no periodo sidonista. Os mesmos hinos ao heroi, as mesmas vénias aos vencedores, os mesmos insultos aos vencidos. Parece até que se trata apenas de uma segunda edição do que então foi escrito.

Como hoje, já então se falava em abismo, má administração, ruina, bancarrota e quejandas girandólas comíciarias, que mais tarde inspiraram a letra e a musica do «O' patego, olha o bafão!».

E, como se isto não bastasse, isto é, como ent nada

# O movimento militar e as Câmaras Municipais

Ouvindo o sr. Administrador do Concelho, Capitão Cesar A. de Moraes

## “QUERERÃO QUE CHAME OS MONÁRQUICOS?”

Embora nada haja a respeito da substituição das Câmaras Municipais, contudo muito e muito se fala na organização das Comissões Administrativas para a substituição das mesmas. Alguns diários se teem referido a este assunto com grande interesse e todos são unânimes em aconselhar o máximo escrupolo na escolha dos cidadãos que devem ocupar os cargos de edis.

Em Guimarães, como não podia deixar de ser, este assunto preocupa toda-a-gente e tem sido origem de largas discussões.

—Dizem que vai Fulano...

—E mais Beltrano...

E as personalidades indicadas vão tendo o assentimento de uns e a repulsa de outros.

A confusão atinge o auge e muitas e muitas palavras se proferem—e sabe-se lá se com ou sem razão!

Por isso, nos resolvemos ouvir o sr. Administrador do Concelho, Capitão Cesar A. de Moraes, a fim de melhor orientarmos os que se deixam navegar na água... dos boateiros. Procurámo-lo na Administração e a sua gentileza consentira no nosso desejo.

Que me diz V. Ex.ª sobre a organização da Comissão Administrativa?

—«Olhe: o governo, por intermédio do sr. Governador Civil, pediu que fossem indicados os nomes de vários cidadãos republicanos e sem filiação partidária, na disposição de iniciar a sua obra de salvação nacional, substituindo os políticos. Encetei as minhas *démarches* e consegui avistar-me com velhos republicanos, desta cidade, esperançado de que me atenderiam e me ajudariam a levar esta cruz ao Calvário. O movimento foi essencialmente republicano e nenhum pejo deveriam ter em auxiliar-me.

Fui mal recebido. Desculpas, esquivas e nenhum desejo de trabalho.

A um desses velhos republicanos cheguei mesmo a dizer: «Que diabo, querem nova sidonada?»

E as desculpas continuaram, as esquivas tornaram a ganhar-me e o desejo de não quererem trabalhar, indicava-me seguir novo rumo.

Pensei em alguns nomes e escutei-os, em minha casa, cerca de 3 horas.

Ouvi as suas opiniões, combinamos coisas várias e toca de organizar a lista da Comissão Administrativa. Veja-a, e diga-me se é ou não uma lista de republicanos?»

E a algumas objecções por nós feitas, continuou:

—«Como vê, transigi ao ponto de satisfazer os desejos dos republicanos, e, se a lista falha em nomes, a culpa é dos que dispensam de sacrificios para continuarem a vida pacata de qualquer bom burguês.

Eles, sim, os culpados. Não sou criança para jogar o empurra e servir-me do *dirás tu que direi eu*. Hoje, que você cá veio, peço-lhe o seguinte favor: pergunte aos republicanos de Guimarães, se desejam que eu chame para a Comissão Administrativa os monárquicos?»

E esta última frase, dita em tom de sinceridade, impressionou-me ao ponto de, como republicano, gritar bem alto.

«Temos a obrigação de prestar, ao Administrador do Concelho de Guimarães, todo o auxilio de que necessite, para bem da Republica e do Concelho.»

C.

## Contas de sacco

O «Ecos», em seu último n.º, informava que em uma das repartições do Estado se faziam serões até altas horas e terminava por perguntar se se tratava de fazer *contas de sacco*.

Por certo que foi errônea a informação, conhecido como está que as contas teem escrita, e, nunca por nunca, se teem assemelhado ás célebres contas que faziam os seus correligionários quando da existência da outra *senhora*.

Indague, e verá que não fica longe o número da... porta.

Assinaí

“A RAZÃO”

# UMA SERENATA

A Mariquinhas, criada da S.ª D. Bentinha, que Deus haja, era uma das mais guapas raparigas da nossa terra. Morena, baixita, desembaraçada, dava gosto vê-la de manhã, á hora do mercado, quando ella passava com uma tentação nos olhos muito negros e muito húmidos e uma ironia no sorriso zombeteiro. Muito cuidadosa da sua pessoa, sempre muito limpa, o avental branco sem uma noção, era um encanto o diabo da moça. Caixeiros e estudantes desse tempo porflavam na conquista da Mariquinhas e versos li em que as mil graças da apetitosa sopeirinha, desde os bandós ondeados e as *corsinhas* da face até á pequenina chinelita de verniz, eram cantadas com apaixonado e surrioso acento por jovens vates tão inexperientes no amor como na métrica.

Um dos que mais embeaçados andavam pela Mariquinhas era o Z. S., estudante de vasta trunfa ricada, belo moço e tão preocupado com a sua cultura, que todas as manhãs perguntava aos parceiros de quarto: *olhai lá, para que raio serve o latim?* E por aqui se ficavam os seus esforços no tocante a estudar. Não tinha geito para os livros, diziam os colegas. *Deixa-te disto; não faltam modos de vida, diziam-lhe os mestres.*

E Z. S. ficava impassível e muito estoicamente ia perdendo os anos e mais heroicamente voltava no ano seguinte a renovar a matrícula e a perguntar aos colegas: Mas, para que raio serve o latim?

Ora, certo dia o nosso estudante viu a Mariquinhas, e vê-la e amá-la foi obra dum momento, como diz o outro. Seguiu-a á distancia e de volta á casa, entrou o grande acontecimento. Isso é que ella era linda... E dava sorte, oh se dava!

—Pois, sim!... diziam os parceiros. Isso ha-de sêr a criada da D. Bentinha, a Mariquinhas.

—Isso, isso. Chama-se Mariquinhas.

—Então, meu caro, podes mudar de rumo? É arisca e quando se ri não é de boa. Tu não a conhecias?

—Não. Mas, que tem isso. Então, ela...

—Deixa-te disso. Essa não atrela a ninguém.

—Veremos, concluiu Z. S. E no dia seguinte, á mesma hora da véspera, lá estava elle á esquina da rua de Santo António, a trunfa ricada a dar-lhe arede conquistador e os alfarrábios sem capa a documentar-lhe a jerarquia. Não tirava os olhos da Porta da Vila. Era por ali que ella devia vir, como no dia anterior, em que a encontrou pela vez primeira. Depois, logo que a visse... E o seu amor desabrochava em frases luminosas de sentimentalismo, as frases de todos os 18 anos, e ella via-se já *derretida* ao ouvi-lo dizer *minha flor, minha bella, meu astro sideral*.

Nisto, ella surge, o avental muito branco, naquêlle passo miudinho e apressado que lhe era peculiar. Z. S. espera-a a pé firme e, quando ella lhe passa ao lado, faz menção de lhe falar. Mas, nada... A comoção do primeiro amor duplicou-lhe o acanhamento natural e embargou-lhe a voz. Nada... Nem uma palavra de tantas e tão lindas que no seu entusiasmo forjára para a diva.

Entupido, cabisbaixo, toma o caminho do liceu a pensar naquella timidez que o invadira, mal a viu, e que, estava certo disso, havia de empolgá-lo sempre que lhe quizesse falar. Uma vergonha, aquêlle acanhamento. Que diria ella, se o visse outra vez *esperar-se* assim?

E deu voltas ao miolo em busca do meio de se sair daquelle triste situação, e meditou e ruminou até dar com elle, até desatar o nó górdio daquelle paixão imensa.

Uma serenata. Com uma serenata lá se ia a timidez e, depois... E ella merecia-a. Que linda! Ora, deixa estar...

Para Z. S. Mariquinhas era praça rendida, conquistada. Dois fados, duas cantigas, e a sopeirinha não resistiria.

Falou aos amigos, preparou a coisa e nessa mesma noite, horas mortas, os ecos da rua em que vivia a bela acordaram, lambechas, ao som do luso fado. Eram 4 os rapazes. Chegados em frente da casa da D. Bentinha, tomaram posições, guitarras atraz, cantor á frente e logo o *ré-menor*, lamuriento, saudoso, salta e logo as primeiras quadras se ouvem. Z. S. não estava mal.

Abrem-se janelas, cabeças espreitam e impayido, a fronte bem erguida, o nosso heroi tudo afronta, e canta, canta, sempre, como se aquelle amor despertasse nele o desejo de morrer cantando.

Em dado momento—ó ventura!—abre-se a janela em frente e o busto alfoso da Mariquinhas assoma ao peitoril. Z. S. adeanta-se, faz um sinal aos companheiros, as guitarras deixam de chorar, e chama, ou antes murmura: Mariquinhas! —Então, é para mim, dizem de cima?

—E, responde o estudante.

—Faz favor de esperar um bocadinho!

—Pois não... E Z. S. muito senhor de si, julgando a batalha ganha, já se deixou ficar debaixo da janela

Foi um instante. De cima, despenha-se tremenda catarata sobre o apaixonado moço e, enquanto a janela se fecha com violencia, os amigos acorrem pressurosos e indagam solisitos: que foi, S.?

—Que foi, berra o estudante, raivoso, fulo, que foi?

Foi *órina*. Aquella grandissima porca!...

E desandou, irado, rua fóra sem olhar para traz.

## Instrução Primária

Tivemos o prazer de admirar a exposição de trabalhos do ano lectivo corrente na Escola Primária Superior de Fafe. Foi encantadora e particularmente sugestiva a impressão recebida.

Os trabalhos de desenho rigoroso, compreendendo projecções ortogonais, admiravelmente executados. Os desenhos de ornato, cópias de modelos e do natural, um verdadeiro encanto. Nos trabalhos de arte aplicada, aguarelas, etc., trabalhos próprios do sexo feminino, a par do bom gosto, a execução perfeita. Os trabalhos manuais, especialmente os de modelação, uma maravilha.

São dignos do maior elogio os respectivos professores, D. Camila de Aguiar e Adriano Vieira de Castro, pela sua dedicação e competência.

Informaram-nos de que nesta Escola todos os professores, sem excepção, são competentes, muito zelosos e dedicados ao ensino, o que, de resto, é comprovado pelos resultados colhidos pelos alunos, na continuação dos seus estudos.

No dia 22 do corrente foi esta Escola de Fafe visitada pelos alunos da E. P. S. Santo Tirso, em excursão escolar de instrução e confraternização, acompanhados de três professores.

Costa-nos que nesta Escola de Santo Tirso estão também em exposição, como tem estado todos os anos, interessantes trabalhos, e que os alunos desta Escola fazem figura, quer na vida prática quer no Liceu de Guimarães, para onde teem vindo diversos.

Nesta Escola há uma associação escolar fundada pelo antigo Secretário. A receita é aplicada a excursões escolares anuais e á fundação de uma biblioteca escolar, a qual conta já centenas de volumes, segundo nos foi informado.

No "Diário do Governo" de 17 do corrente foram louvados os professores e alunos da E. P. S. de Guimarães, pela colaboração prestada nos festejos da "Semana da Criança", no ano de 1925. Além da colaboração os alunos angariaram a receita de 723\$15.

As E. P. S., especialmente nas localidades onde não há outros estabelecimentos de ensino, são indispensáveis, e prestam valiosos serviços á instrução e educação populares.

Mas, como prémio das dedicações expostas—e em todas as escolas certamente succede o mesmo—são extintas pura e simplesmente, sem atenção alguma pelas necessidades dos povos, nem pelos professores que zelosamente as teem servido.

—Está salva a Pátria, equilibrado o orçamento, e nada mais é necessário fazer para que tudo corra bem no que respeita a finanças.

O que é tris e é que esta manifestação de ódio occulto se tornasse logo efectiva e que só se veja o *pobre* Ministerio da Instrução quando qualquer governo Salvador quere encurtar despesas!

Na florescente República Francêsa o ensino primário superior é justamente considerado e apreciado: aqui tem sido vítima dos ódios das facções politicas e da inabilidade como foi criado.

Foram também louvados no referido "Diário do Governo" e pela dedicada colaboração na festa da "Semana da Criança" em 1925, o Presidente da Assistencia Escolar do Concelho de Guimarães, Sr. A. L. de Carvalho, o Chefe da Banda, Sr. Ribeiro Dantas, o Director e todos os professores e Professoras da Escola de Ensino Primário Geral de Guimarães e seus alunos, o Professor da Escola de S. João das Caldas de Vizela e sua Espôsa, e todas as pessoas que *directa ou indirectamente concorreram para o bom êxito da "Semana da Criança"* em Guimarães...

Os alunos do ensino primário geral da cidade conseguiram a receita de 678\$50 O saldo das receitas, na importância de 2.297\$75, foi entregue á Cantina Escolar Vimaranense. Foi, pois, muito justificado o louvor.

O professor de S. João das Caldas promoveu a recepção, quando do passeio a Vizela, e o fornecimento do *lunch* a cerca de 800 crianças.

P. S.—Em o número anterior saiu, nesta secção "sugestoso" em vez de *sugestivo*, alem de outras que os leitores facilmente corrigem.

## TELEFONES

—Em que ficamos, senhores?!  
—Para que serve o palacete comprado?!  
Acaso esta terra não merece melhor cabine do que uma W.C.?  
—É quando se inicia a instalação pela cidade?!  
—Quem nos responde?!

## A Autoridade e o Pão

Soubemos que o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Administrador do Concelho, acompanhado do Sub-Delegado de Saúde e de um amanuense, iniciou a fiscalisação ás padarias a fim de fazer cumprir a lei.

Assim mesmo é que é. Nada de contemplanções para com os *pobresitos* dos padeiros.

## TABERNAS

Pelo sr. Administrador do Concelho e Sub-Delegado de Saúde vão ser visitadas as tabernas a fim de se acabar com aquellas que não tenham as condições que a lei determina. S. Ex.<sup>ma</sup> pensam em tornar mais limpo o serviço da venda de vinho.

## Pelo regimento

Foram colocados no estado-maior e no regimento d'infantaria aquartelado em Bragança, respectivamente os srs. Terente João Malheiro e Afêres Guerreiro.

## Taxa anual

Participam-nos que termina no dia 30 do corrente o prazo para o pagamento da "Taxa Anual", na Tesouraria de Finanças.

Quem o não fizer ficará sujeito aos rigores da lei.

## Testemunho de gratidão

Tendo sido vitima de uma cobarde agressão na noite de um de Junho passado, pelo que me tive de recolher ao Hospital da Santa Casa da Misericordia onde desvelada e carinhosamente fui tratado pelo distinto clinico Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Joaquim José de Meira, venho publicamente afirmar os meus protestos de eterno reconhecimento.

A' Ex.<sup>ma</sup> Irmã da enfermagem n.º 5, aproveito a oportunidade, para lhe apresentar os meus sinceros agradecimentos, e assim a todos os meus bons amigos e pessoas das minhas relações que se interessaram pelo meu estado de saude e me confortaram com palavras amigas.

Guimarães, 18 de Junho de 1926.

José Torcato Ribeiro

Oficial das Execuções Fiscaes

## AOS SENHORES ASSINANTES

Tendo terminado com o n.º 25 o 1.º semestre, prevêimos os senhores assinantes do concelho e cidade de Guimarães que vamos proceder á cobrança do 2.º semestre de fragem do nosso jornal.

Esperamos que seja bem acolhida e que nos poupem a uma maior despesa.

### Dr. Dias da Silva

Este nosso particular amigo estreou-se, há dias, no Tribunal desta comarca, como advogado no Crime, defendendo officiosamente o Joaquim Réu. Fez uma defeza brilhantissima e revelou grandes conhecimentos. Os nossos cumprimentos e auguramos-lhe muitas felicidades na sua carreira.

### José Jacinto Júnior

Para as Pedras Salgadas, a fim de fazer uma estação de cura, partiu este velho republicano, acompanhado de sua Ex.<sup>ma</sup> Família.

### Anunciai na

"A RAZÃO"

GRAND-CHIC

FRANCISCO LEITE MENDES

Artigos de Modas, fazendas Brancas e Miudezas

45, Rua da República, 47 - GUIMARÃES

Esta casa vende todos os artigos com grandes abatimentos

OFICINA DE SERRALHARIA

(ANTIGA SERRALHARIA DE LUIS DE PINA)

P. & MAIA, LIMITADA

Rua de Paio Galvão -- GUIMARÃES

Executam-se todos os trabalhos de serralharia e de torno e concertam-se todas as peças para automóveis

Como se evita um Incêndio?

GRITANDO FOGO!!!?

Exclamação de terror que abala os mais corajosos e nada evita.

ABRINDO UMA JANELA!!!?

implorando auxílio e aguardando cheios de aflição e terror, que no fim tragam...

Minutos que parecem séculos durar e os quais nos sufocam mais átzoz sofrimento.

FUGINDO LOUÇOS DE PAVOR!!!?

deixando que o fogo destrua os nossos haberes, a nossa casa e nos roube, por vezes, os filhos e outros entes queridos?

Desesperada resolução que nos mata de ansiedade e de dor.

NÃO

Um incêndio evita-se com extrema facilidade, extinguindo-o rapidamente, apenas se declara. E para isso, TENHAM EM CASA...

BONS EXTINTORES DE INCÊNDIO

como o FYROUT em

cobre polido e de Esc. : 400\$00

o mesmo em aço esmaltado e de Esc. 350\$00

ou ainda FOAMERA de Esc. 350\$00

e para automóveis o

VALOR CTO

de Esc. : 230\$00

Representante único em Portugal:

NUNO SALGUEIRO - PORTO

Representante único em Guimarães:

BENJAMIM DE VASBONCELOS - R. da Liberdade

Gonçalves & Castro, L. da

Especialidade de Atoalhados e Linhos

Largo Prior do Crato, 6, 7 e 8

GUIMARÃES

Fábrica de Tecidos da Madroa

Fábrica de Colchas e Tinturaria a Vapor

Freitas, Pereira & C. a, L. da

Fábrica - Rua da Liberdade

Escritório e Depósito - P. D. Afonso Henriques

GUIMARÃES

FERNANDES GUIMARÃES & IRMÃO, Suc.

Rua da República - GUIMARÃES

Depósito da Polvora do Estado

Vidrarria, cristais e louças. Tintas, óleos, vernizes e cimento. Artigos para chiqueiros.

Grande sortido em serviços de louça, para mesa, chá, café e lavatório.

Preços sem competência

A. J. Ferreira da Cunha

Praça D. Afonso Henriques (Toural)

Vendas por Junto e a Retalho

GUIMARÃES

FARMÁCIA NORMAL DE GUIMARÃES

Manuel Jesus de Souza

Praça D. Afonso Henriques

GUIMARÃES

Francisco Joaquim de Freitas & Genro

Depósito de Tabacos e Fósforos, Papeleria, Miudezas e correspondentes de várias casas bancárias.

GUIMARÃES

Fábrica de Tecidos de Santa Luzia

Custódio Vila Nova & C. a

Fábrica de Colchas e Atoalhados

Rua de Paio Galvão - GUIMARÃES

Antiga Merceria da Porta da Vila

Pereira & Silva, Lim. da

Especialidade em chá e café

24, R. da República, 28 - GUIMARÃES

HOTEL CENTRAL

(VULGO DA FELISMINA)

THEODORO DA SILVA E CASTRO

Fabrico especial de Pão de Ló e Bóces Finos

Pão de Milho de Superior Qualidade

PRAÇA DA REPUBLICA - FAFE

"A RAZÃO"

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Ex.º Sr.

Annúncio na